

CANTOS À BEIRA-MAR: O HOMOEROTISMO FEMININO NOS POEMAS DE MARIA FIRMINA DOS REIS¹

CANTOS À BEIRA-MAR: FEMALE HOMOEROTISM IN THE POEMS OF MARIA FIRMINA DOS REIS

Rosane Jaehn Troina²

RESUMO: O presente artigo visa suscitar a reflexão sobre a possível presença do homoerotismo feminino nos poemas: “A minha carinhosa amiga a Exma. Sr^a. D. Inez Estelina Cordeiro” e “Ela” de Maria Firmina dos Reis; que compõem a obra *Cantos à beira-mar* (2014) publicado pela primeira vez no ano de 1871. Tendo em vista o apagamento e a tentativa de silenciamento que envolve a obra e a vida da autora maranhense, a proposta consiste em compreender por meio da leitura das imagens presentes nos poemas referidos sob a perspectiva do imaginário de Gilbert Durand (2014) como a literatura homoerótica se alia à necessidade de pensar sobre as identidades não-hegemônicas e a ressignificação e a subjetividade do sujeito (BAUMAN 2005), (BUTLER, 2001) e (DAVIS, 2016) e outros que corroboram com o estudo.

Palavras chave: Poesia; Gênero; Homoerotismo feminino; Identidade; Imaginário

ABSTRACT: This article aims to encourage reflection on the possible presence of female homoeroticism in the poems: “A minha carinhosa amiga a Exma. D. Inez Estelina Cordeiro” and “Ela” by Maria Firmina dos Reis; that make up the work *Cantos à Beira-Mar* (2014) published for the first time in 1871. In view of the erasure and the attempt to silence the work and life of the author from Maranhão, the proposal consists of understanding reading of the images present in the poems referred to from the perspective of Gilbert Durand’s imaginary (2014) as homoerotic literature allies with the need to think about non-hegemonic identities and the subject’s ressignification and subjectivity (BAUMAN 2005), (BUTLER, 2001) and (DAVIS, 2016) and others that corroborate the study

¹Romancista, poetisa e professora de primeiras letras maranhense é, hoje, figura consolidada no panorama da literatura brasileira. Cabe a ela - juntamente com o poeta, jornalista e advogado Luiz Gama - o papel de fundadores da literatura afro-brasileira (Duarte 2000, p.264-84 Ferreira 2012). Com a autoria do romance *Úrsula*, publicado originalmente em 1859, pela Tipografia do Progresso de São Luís do Maranhão, Firmina se categorizou como a primeira romancista brasileira (Morais Filho, 1975).

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras História da Literatura da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: rotroina@hotmail.com

Keywords: Poetry; Genre; Female homoeroticism; Identity; Imaginary

INTRODUÇÃO

A obra *Cantos à beira-mar* (2014), publicada no ano de 1871, escrita por uma mulher negra e nordestina no século XIX, numa época em que a escravidão estava em voga, requer uma abordagem que tenha em vista este contexto histórico e como ele influenciou o processo de escrita e divulgação da autora. Visto que, em relação a outros escritores da época, a obra de Maria Firmina dos Reis não adquiriu notoriedade, desde a escolha de temas até o modo como ela retrata a condição feminina.

O livro de poesia de Maria Firmina dos Reis, além de ser o primeiro lançado no país por uma mulher, é também o livro que fez dela a primeira poeta maranhense. Se pensarmos na produção literária de autoria negra publicadas no Brasil, principalmente no século XIX, a obra de Firmina se destaca pelos ineditismos, tanto na autoria como na temática, sinalizando o/a negro/a como sujeitos/as de suas vozes, pensamentos e vontades rompendo com os grilhões do silenciamento. Nascimento Moraes Filho, estudioso da obra de Firmina aponta, na biografia da autora, que Firmina foi “uma das dez primeiras poetisas brasileiras a publicar um livro de poesia”. (MORAIS FILHO, 1975, s. p). Curiosamente, *Cantos à Beira-Mar* (1871) teve ainda menos repercussão do que *Úrsula* (1859)

Segundo as pesquisas que versam sobre a vida e a obra de Firmina, encontram-se na imprensa maranhense apenas duas notas sobre a obra, e assim mesmo antes de ser publicada: uma em janeiro de 187, e outra em novembro do mesmo ano. Três anos depois, em 1874, o livro de poemas foi mencionado no “Pantheon Maranhense – Ensaio biográfico dos maranhenses ilustres já falecidos”, Tomo III, página 386, Antônio Henriques Leal, Lisboa (Portugal), voltando a aparecer no ano de 1876 em um jornal maranhense, por conta da doação de um de seus exemplares a uma sociedade literária.³

³ Essas e outras informações encontram-se no Blog pessoal do escritor e pesquisador Sérgio Barcellos Ximenes, nomeado A Arte Literária e também no Memorial de Maria Firmina dos

Depois disso, só em 1900 o título do livro recebeu atenção, em um dicionário bibliográfico⁴. Não se tem notícias de anúncios pagos de *Cantos à Beira-Mar* em jornais do Maranhão, também não se tem notícias de resenhas da obra. Apagadas e silenciadas por mais de um século, Maria Firmina dos Reis e sua escrita vem sendo resgatadas de forma proeminente. Seu romance *Úrsula*, publicado em 1859, passou da sexta edição em 2017 para um total de 18 edições em dezembro de 2018, em um curto de intervalo; ou seja, em pouco mais de um ano foram publicadas doze edições do romance. Entre o ano de 2019 e 2020 o mesmo alcançou o total de cinco edições, sendo três em 2019 e duas em 2020, alcançando prestígio com o grande sucesso de vendas.⁵. Contudo, a escrita de Firmina sai da invisibilidade, atingindo o protagonismo merecido, por muito tempo negado na história da literatura brasileira.

Nesse sentido, o presente artigo busca contribuir para os estudos que versem sobre mulher e literatura, tendo como foco a obra *Cantos à beira-mar* (1874), partindo da perspectiva da caracterização tanto da autoria como da temática da escrita feminina em seu caráter heterogêneo. Davis (2016) traz as inquietações necessárias que permitem pensar a precária condição vivenciada pelas mulheres no século XIX. Segundo a autora, devido a crescente ideologia da feminilidade, as mulheres brancas eram colocadas no papel de mães, parceiras e donas de casa; já as mulheres negras eram escravizadas laboravam em pé de igualdade com seus pares, ocupando-se da plantação e colheita e dentro da casa-grande, cuidando dos serviços domésticos, da criação dos filhos(as) das senhoras e, por vezes, servindo de objeto para saciar os apetites sexuais dos senhores. “O estupro era uma arma de dominação, uma arma de

Reis, organizado pela pesquisadora Luciana Diogo, especialista nos estudos Fiminianos . <https://aarteliteraria.wordpress.com/2018/02/11/cantos-a-beira-mar-o-livro-de-poemas-de-maria-firmina-dos-reis/> Acesso em: 19/02/220. <https://mariafirmina.org.br/> acesso em: 19/02/220

⁴ “Dicionário Bibliográfico Brasileiro”, página 232, Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, sexto volume, Rio de Janeiro.

⁵ Esse levantamento detalhado sobre a produção bibliográfica da autora pode ser encontrado em Rafael Balzeiro Zin: “Consolidando a fortuna crítica de Maria Firmina dos Reis, uma avaliação preliminar sobre as dissertações e teses acadêmicas desenvolvidas em programas de pós-graduação brasileiros nos últimos trinta anos (1997-2016)”. In: TOLOMEI, Cristiane Navarrete e BENFAT-TI, Flávia Andréa Rodrigues. Gênero, raça e sexualidade na literatura. EDUFMA, 2018. Importante apontar que essa visibilidade se deve ao fato da obra ter sido solicitada como leitura obrigatória para alguns vestibulares, entre eles o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - URGs

repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros.” (DAVIS, 2016, p. 17 e 36).

De certa forma, tais considerações contribuem para pensar que Firmina rompeu com os pensamentos colonizadores que buscavam homogeneizar as identidades femininas em uma época baseada no patriarcalismo e na normatização da conduta feminina em padrões pré-estabelecidos, que ainda continuam em voga na atualidade. Partindo dessa premissa, arrisco em trazer algumas considerações feitas através da leitura da obra *Cantos à beira-mar* (1871 e dos dois poemas já citados para apontamentos de possíveis relações do que foi exposto com o íntimo poético de Maria Firmina dos Reis.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A amizade romântica entre mulheres: arquétipos possíveis na poesia firminiana

Para o contexto da época, essa suposta amizade entre mulheres aparentemente não desencadeava uma grande ameaça ao domínio masculino, pois “o homem afeminado era severamente repellido e censurado, enquanto a masculinização na mulher era percebida semelhantemente a uma rebeldia infantil” (BROWN, 1987, p. 21), Fato esse que reforça ainda mais a desvalorização do feminino perante essa sociedade.

No que tange à desvalorização das mulheres aos sistemas culturais cabe a responsabilidade de padronizar a sociedade; porém, há a possibilidade de o indivíduo transitar entre as múltiplas identidades possíveis, com as quais se identifica, mesmo que momentaneamente, passando, desse modo, por um processo de fragmentação. A partir disso, a capacidade crítica da poesia firminiana está na exploração da homoafetividade feminina como uma

possibilidade identitária para a mulher transgressora e como um pesadelo para a identidade legitimadora (BAUMAN, 2005, p. 38).

Nessa interseção, a representação do homoerotismo feminino se projeta como um lugar de questionamento e revisão das identidades tradicionais. Além disso, há um diferencial nessa representação, visto que uma mulher que demonstra afetividade por outra mesmo pertencendo a uma zona rejeitada socialmente, reivindica sua autonomia à vida, pois sua identidade “é constituída através da força da exclusão e da abjeção” (BUTLER, 2001, p. 155). Portanto, essa tentativa de classificar os diferentes gêneros e propor um modo padronizado de agir não se sustenta, visto que a identidade deve ser percebida como um processo em andamento, no qual é mais coerente falar de identificação, pois a identidade surge não tanto da plenitude que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por outros. A proposta de Boaventura de Souza Santos (1994) também destacou a identidade como algo dinâmico, segundo ele [...] identidades são, pois, identificações em curso (SANTOS, 1994, p.31).

Podemos associar o que foi proposto pelos teóricos à questão de gênero, pois percebemos que essas representações são construídas socialmente, sendo estas, geralmente, produtos de discursos heteronormatizantes. E assim Maria Firmina dos Reis constrói poemas que encaminham o leitor a refletir sobre essas questões, que até então eram impensáveis para a época:

Eras no baile de Diana a imagem;

Leda miragem, suspirosa virgem!
Quem te não crera no arfar do peito
Anjo sujeito a divinal vertigem

Um quê havia no sorrir de arcanjo;
Roupagem de anjo, - revoar aos céus;
Um que de enlevos, que nem tu, - donzela,
Cismares bela, - nos cismares teus.

Não foi delírio de uma alma ardente,
Que as vezes mente por fatal loucura;
Não - eu sentia de te ver, - vaidade,

Mulher deidade! - a traduzir candura.
Acaso pode o ideal mais belo,
Que em doce anelo imaginou poeta,
Acaso pode marear teu brilho?
Não: Não tens brilho. Te elevaste a meta;

Deixa beijar o teu sorrir de arcanjo,
Visão, - ou anjo a divagar na terra;
E a voz melíflua, divinal, fluente
Nota cadente, que nos ares erra.

Assim eu amo o soluçar da vaga,
Na praia maga - como ver-te amei,
Cheia de encanto - a revelar mistério,
Como o saltério do poeta rei. (REIS, 2014, p. 2001)

O poema “A minha carinhosa amiga Exma. Sr^a. D. Inez Estelina Cordeiro” parece evocar uma voz lírica feminina que descreve de forma sensual e apaixonada a admiração que sente pela amiga, o grau de intimidade aparentemente é bastante nítido, a imagem da deusa greco-latina Diana apresentada na primeira estrofe, nos versos “Eras no baile de Diana a imagem; Leda miragem, suspirosa virgem” organiza a rede simbólica, inclusive assinalando a atmosfera de homoerotismo feminino no poema.

Diana, uma deusa na mitologia grega considerada a deusa da caça, está sempre com um arco e flecha, vive na mata, a deusa da lua, tendo a noite como referência. O que reforça a qualidade de mulher que consegue entrar na sua escuridão, na sua lua, na sua noite, na sua mata escura, ou seja, adentrar ao seu íntimo, assim, o eu-lírico pode ser interpretado como tomando uma posição que emula das ninfas apaixonadas que seguiam a deusa-*virgem*. Diana não é *virgem* por ser “santa”, no sentido cristão, mas por ser independente dos homens, não desejando a relação erótica-sentimental com eles, inclusive abominando o coito heterossexual: ela prefere as suas ninfas⁶. A partir desta rede imagética seguem: “um quê havia no sorrir de arcanjo / roupagem de anjo - revoar aos céus” evidencia a visão tradicional da mulher virginal dos poetas românticos brasileiros, que projetam na figura feminina uma assexualidade

⁶As análises seguem a referência sobre a deusa Diana assimilada a Ártemis por influência das colônias gregas. Foram consultados os dicionários: Mitologia Grega. Vol. 2 de Junito de Moura Brandão. Editora Vozes, Petrópolis. RJ. 1997 e o Dicionário de Mitologia Grega e Romana de Mário da Gama Kury. Editora Zahar. 2009.

idealizada, como se a mulher “pura” e “digna” fosse eternamente imatura para a sexualidade.

A poeta, portanto, vai criando sentidos para o termo “virgem”, a imagem do feminino associada novamente à mulher Diana (selvagem), sabe que é única, se vê como a sua própria natureza, reconhece a beleza de sua própria natureza: uma mulher que está nesse lugar da não domesticação, e traz consigo esses arquétipos que são viscerais, não domesticáveis. Na quarta estrofe, reforça-se o elemento “brilho” como forma de realçar essa figura única e tão admirada pelo eu-lírico, em versos como: “acaso pode marear teu brilho / não. não tens brilho. te elevaste a meta”. As palavras “brilho”, “marear” e “elevar” trazem mais uma vez a marca das imagens aéreas, da lua (Diana) dando um tom de exaltação da figura feminina. No entanto, por outro lado, é frequentemente comparada ao sol, de modo contrastante passando uma relação de noção de passividade à medida em que, ao invés de emitir luz própria, ela reflete a luz do sol. Com isso, Firmina possivelmente toca na questão da tentativa de dominação do patriarcado, onde o homem é a figura central e a mulher como uma figura dependente.

Porém, ao modo como o poema avança vão sendo evocados novos sentidos, devido à alternância de suas fases, a lua é símbolo de periodicidade, de instabilidade, de força, coragem e renovação, que se aproxima dessa figura de mulher livre ligada à natureza, às matas, à vegetação. De acordo com Gilbert Durand (2002), em algumas culturas, construiu-se uma relação estreita entre o ciclo lunar e o vegetal, sob a crença de que a lua teria influência sobre as germinações. Assim como a lua, as mulheres em seus ciclos menstruais são cíclicas e mês a mês, ciclo a ciclo, vivenciam essas energias dentro de si em cada momento, revelando uma faceta de si mesmas.

Na penúltima estrofe, o eu-lírico idealiza o sorriso da mulher como o de um arcanjo, ou seja, nota-se um hibridismo do arquétipo católico com a questão da mitologia greco-romana, a sua voz era tão bela que ele a coloca como celestial, um sentimento de admiração quase espiritual, sendo que, essa valorização das emoções e sentimentos faziam parte da estética romântica da época, pois era comum encontrar descrições melancólicas nas obras literárias,

tristezas e sentimentalidades dentro das obras. Maria Firmina utilizou-se do escapismo, a condição de fuga do eu-lírico, numa luta com o amor proibido ou não correspondido para escrever seus poemas.

Na última estrofe, ela a observa bela na praia, mas a vê como cheia de mistérios a serem desvendados. Ao modo do “como o saltério do poeta rei” uma possível comparação ao livro bíblico dos *Cantares de Salomão*⁷. O poema indica que há um outro mistério a ser desvendado, além da descoberta da amada, que é o mistério do próprio poema, ou seja, do caráter enigmático, que fala de uma amizade erótica de modo alegorizado, como o poema erótico atribuído ao rei Salomão. Firmina indica um mistério permeado de erotismo, paixão e desejo, uma pista que deixa ainda mais clara a imagética do erotismo velado e espiritualizado do poema. Nesta perspectiva, cabe destacar o protagonismo assumido da mulher nos cânticos de Salomão, nos quais Sulamita assume espaços de igualdade e ganha voz tal qual o seu amado Salomão, a quem é atribuída a poesia dos cantares.

220

A forma como o poema progride, permite perceber a impossibilidade do eu-lírico de concretizar esse desejo: poema marca um espaço de descoberta entre a mulher que guarda um sentimento de amor, um tema universal, comum em inúmeras obras literárias; entretanto, o lirismo é complementado por uma relação homoerótica entre mulheres e, por isso, sua narrativa é densa, baseada na parte emocional, a qual é difícil de ser exposta tanto na ficção quanto na realidade. Tais considerações também podem ser observadas na leitura do poema “Ela”.

Ela! Quanto é bela, essa donzela,
A quem tenho rendido o coração!
A quem voltei minh'alma,
a quem meu peito num êxtase de amor vive sujeito...
Seu nome!... não - meus lábios não dirão.

Ela! Minha estrela, viva e bela,
Que ameiga meu sofrer, minha aflição;
Que transmuda meu pranto em vago riso.
Que da terra me eleva ao paraíso...
Seu nome!... oh! meus lábios não dirão!

Ela! Virgem bela, tão singela

⁷Livro bíblico intitulado como cantares de Salomão que em algumas edições da Bíblia também é nomeado Cânticos dos Cânticos ou Cânticos de Salomão.

Como os anjos de Deus. Ela...oh! não,
Jamais o saberá na terra alguém,
De meus lábios, o nome que ela tem...
Que esses nomes os lábios não dirão. (REIS, 2014, p. 223)

No poema "Ela", que traz na primeira estrofe as adjetivações nas palavras como uma maneira de reforçar a admiração do eu-lírico pela figura de sua contemplação: "bela, "donzela" trazem uma valoração do ser feminino, aqui como no poema anterior, é ressaltada a figura de mulher donzela, mas como símbolo de caçadora, que possui uma capacidade racional de observar, assim como a deusa Diana. O falar e o não-falar são a lógica do próprio poema, o que compõe toda a obra amorosa de Firmina, pois sua linguagem artística se desenvolve a partir de falar/não falar do amor e do desejo homoerótico que atravessa sua lírica. O silêncio corresponde à integração de todo o cosmos e, porque é ponto de origem e de término, constituiria um elemento unificador de contrários que se complementam, com o intuito de falar e ser ouvida, e não apenas ser retratada pelo olhar do dominador.

221

A poesia de Maria Firmina dos Reis retrata o interior da mulher, os gestos como possibilidade de se inscrever na vida, com isso ela rompe com o estereótipo marcado pela oposição binária, arbitrária e hierarquizada constituída socialmente, que privilegiou e ainda privilegia o homem/masculino e, por conseguinte, subordinando a mulher/feminino, além de excluir o/a homossexual. A invisibilidade conferida à homossexualidade pode ser percebida, portanto, a partir dos discursos moralizantes, predominantes no meio social, os quais creditam às pessoas que não se enquadram nesses moldes estabelecidos uma conduta imoral e subversiva.

A representação do amor homoerótico feminino que atravessa os poemas em estudo se apresenta para o leitor a partir das imagens representadas pelas palavras como "estrela", "brilho", "paraíso", "anjos" e até mesmo a "água" são representações que indicam o amor e a admiração do eu-lírico pela amiga. A estrela pode ser associada ao símbolo da fertilidade, também está ligada ao Judaísmo, a estrela de seis pontas ou Hexagrama, representa a Estrela de Davi, representando a união dos opostos bem como a conexão com o todo e a transcendência da dualidade. Tais representações promovem uma elevação que

se liga à imaginação da espiritualidade, onde o ar não pode ser visto, mas pode ser profundamente sentido, imprescindível para nossa existência.

Portanto, se considerar o fato de que os elementos são formas encontradas pela natureza de se apresentar em cada ser, então, podemos crer que alguns seres são propensos a apresentar marcadamente algumas dessas características em seu íntimo, sobressaindo umas mais que outras. Estamos aqui, novamente, frente a esse motivador da escrita de interrogações e negações do lirismo da autora, o que contar, ou o que não contar e o que se pode contar, demonstram a constituição de um eu-lírico angustiado sobre a condição de mulher e de seus sentimentos, mas que ainda assim, evidencia um ato corajoso marcado pela sua escrita.

Maria Firmina dos Reis, uma demonstração do poder e da força provenientes da alma feminina da poeta, que, mesmo em situação de opressão, mantém-se forte, a ponto de transformar seus sentimentos em poemas. A relação homoerótica é vista como impossível no plano real para a época, o eu lírico demonstra estar ciente de sua condição e realidade. O sentimento que demonstra ter por sua amiga não pode ser externado ao longo dos versos, tornando-se, até mesmo, impronunciável. No que se refere a esse ritual de silenciamento a autora sugere indícios das dificuldades encontradas pelas mulheres escritoras de demonstrar suas escritas e interpretações.

Sobre os fragmentos de textos: uma cortina de contradições

Uma cortina de contradições evolve a história do baú contendo os escritos de Maria Firmina dos Reis, o que, segundo o depoimento do seu filho adotivo, foi misteriosamente roubado; fato este evidenciado através da transcrição contida em *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*:

Quando vim para São Luís. Depois de sua morte, revelou-nos o Sr. Leude Guimarães, trouxe muitos manuscritos seus. Eram cadernos com romances e poesias e um álbum onde havia muita coisa de sua vida e da nossa família. Mas os ladrões, um dia, entraram no quarto do hotel onde estava hospedado, arrombaram o baú, e levaram tudo o que nele havia. Só me deixaram, de recordação, os restos desse álbum, que encontrei pelo chão! (MORAIS FILHO, 1975, s. p.).

Conforme Luiza Lobo (1993), uma pioneira nos estudos sobre os “registros íntimos” de Firmina, o roubo foi uma tentativa de censura ao álbum íntimo da poeta e a hipótese mais provável seria a censura da família. Embora não se tenha uma explanação legítima sobre os parâmetros da transcrição desses fragmentos, o ato acaba impedindo de se avaliar com precisão o quanto o conjunto de escritos foi mutilado. Segundo esses estudos, houve manipulação de informações, tanto nas datas quanto nos conteúdos dos diversos poemas e anotações do cotidiano da escritora, fato que fortalece a suposta intenção da família de manter no anonimato esses escritos diante da possibilidade de danos diante da exposição de Maria Firmina. Assim fala Michele Perrot (2005), a propósito da escrita das mulheres francesas no século XIX, o que é válido também para o Brasil “o pessoal, o muito íntimo fora banido desses registros como sendo indecentes”. (p. 38)

As anotações de Maria Firmina se caracterizam como íntimas, servindo como espaço prezado por sua autora. Uma escrita atravessada por uma profunda vivência da solidão, a qual, segundo Firmina, não deve ser compartilhada, pois não lhe cabe aborrecer os outros. “Eu não aborreço aos homens, nem ao mundo, mas há horas, e dias inteiros, que aborreço a mim própria”.⁸ Perrot (2005) destaca a respeito dos escritos íntimos:

Correspondências familiares de que elas são as escribas habituais, diários íntimos cuja prática é reconhecida para as moças por seus confessores [...] como um meio de controle de si mesmas constituem em abrigo para os escritos das mulheres, cuja a imensidão é atestada por todos os fatores. Mas quantas destruições foram realizadas nestes arquivos cujo restos, conservados até hoje, nos surgem a sua riqueza tanto como o seu interesse enfim reconhecido. (PERROT, 2005, p.35)

No que tange à questão da valorização, o que se apresenta nas histórias literárias é o valor conferido a determinados textos, os escritos de mulheres do

⁸Informações contidas no “Álbum”, caderno de escritos íntimos de Maria Firmina dos Reis. Composto por fragmentos de textos em estilo diarístico que perfazem 28 páginas, com primeira entrada em 1853 e última, de 1903. Entre os estudiosos de Maria Firmina, Lobo, (1993), Muzart (2000, p.264-84) e, mais recentemente, Martins, (2016) enfocaram o “Álbum”, embora ainda se careça de uma análise sistemática desses escritos.

século XIX não eram considerados literatura. A atribuição de valor literário é o resultado de uma série de outros valores, sejam culturais, sociais ou ideológicos de uma sociedade dominada pelo heteropatriarcado que promovem e chancelam esse apagamento. Maria Firmina dos Reis participou da antologia poética *Parnaso Maranhense* (1861), e, além da escrita literária, também produziu muito na imprensa tendo colaborado com diversos jornais.

A normatização dessa lacuna impediu que o leitor questionasse sobre essas ausências significativas na literatura brasileira. Rita Terezinha Schmitd aponta que “a formação do chamado cânone ocidental é uma decorrência do poder de discursos críticos e instituições que, numa determinada época e em nome de uma identidade cultural, sustentam o monopólio cultural dos valores simbólicos, através de mecanismos de exclusão”. (SCHMIDT, 1995, p. 143). Com tais considerações, é possível levantar uma série de questões relativas aos mecanismos responsáveis pela constituição desse corpo limitado de textos considerados canônicos; então, a questão do reconhecimento, que ainda depende da atribuição de valor, acaba tornando-se um problema crucial para a literatura escrita por mulheres.

Ana Colling (2014) ressalta que as “mulheres ainda são apresentadas como morais, frágeis, dóceis, emotivas, amantes da paz, da estabilidade e da comodidade do lar, incapazes de tomar decisões, desprovidas da capacidade de abstração, intuitivas, crédulas, sensíveis, ternas e pudicas” (p. 13). Todos esses adjetivos reforçam representações que continuam a definir os sexos a partir dos discursos misóginos da história, ou seja, a constituição do sujeito masculino está atrelada à constituição desse outro, ou melhor, o outro do outro que se declina no feminino e que não é sujeito em seu próprio direito, na verdade é visto como objeto.

Vale, portanto, lembrar que no contexto do século XIX as mulheres não circulavam muito nos espaços públicos, existia uma cisão muito grande entre o espaço doméstico e o espaço público, o que se reforça com o fato das Letras e a Literatura terem sido formadas a partir de um esforço do cânone masculino, trazendo fortes evidências de que esse fator pode estar associado à resistência no reconhecimento das mulheres como escritoras, ficando relegadas a um

segundo plano no reconhecimento da igualdade de produção. Sendo esse o fator igualdade um dos pontos de partida para vislumbrar a causa do resgate da escritora Maria Firmina dos Reis.

Considerando que a mulher, em geral, demorou a se tornar objeto de estudo na produção discursiva histórica, acredita-se que o desafio maior ainda é tematizar e reconhecer a produção de autoria feminina afro-brasileira que tematiza o homoerotismo feminino. As dificuldades teórico-metodológicas de reconstituição da historicidade da homossexualidade feminina evidenciam-se, tendo em vista a pouca existência de documentação produzida, sobretudo em períodos mais longínquos, como o século XIX. A esse respeito aponta Oliveira (1999):

Em decorrência de essas mulheres terem caído nas mãos da igreja, proporcionando a abertura dos processos inquisitoriais, a historiografia brasileira conseguiu oferecer visibilidade às práticas de homossexualidade feminina, ainda que de forma fragmentária e com poucas informações. A ironia de suas histórias é que se os processos não tivessem sido abertos, provavelmente, suas relações ficariam restritas ao universo do cotidiano e das relações de cunho privado e suas existências seriam muito mais difíceis de serem historicizadas. (OLIVEIRA, 1999, P. 6)

225

A unidade proposta ao conceito de identidade aponta essas questões e reitera a determinação dos binarismos de sexo e de gênero, legitimando o poder heteronormatizante. Entretanto, as reflexões sobre gênero, devido à sua complexidade, não devem se reduzir a essa normatização impositiva, visto que “uma coalização aberta afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um telos normativo e definidor.” (BUTLER, 2013, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, considera-se, que a poesia de Maria Firmina dos Reis, no século XIX, provocou uma desobediência ao discurso da elite letrada masculina, que menosprezava a produção feminina, qualificando-a como menor, sem muita expressividade, como se fosse um simples meio de demonstração dos sentimentos daquelas que escreviam, o que fazia pensar que todas as mulheres

usavam a escrita de forma similar, numa espécie de homogeneidade identitária pregada pelos ideais hegemônicos dessa fase inaugural.

Fez-se, assim, um determinado silêncio providencial dos analistas da literatura, no que diz respeito à poesia produzida por mulheres, o que provavelmente foi decorrente de uma questão preliminar que é substantiva, ou seja, a teorização e o conseqüente estabelecimento de categorias para análise não desvinculada de uma determinada orientação ideológica. O tema e as imagens da homossexualidade feminina na literatura precisam ser investigados como um objeto de relevância acadêmica, sociológica, antropológica, histórica, e literária/estética assim como quaisquer outras temáticas em que foram destinadas ao ostracismo, para que sirvam como construção da cidadania.

Consciente da plurissignificação que envolve os textos poéticos, as possíveis leituras dos poemas seguiram uma linha de interpretação semântica que tenta focalizar nos possíveis sentidos de uma abordagem por meio dos símbolos, imagens, arquétipos e das figurações, para se chegar à uma unidade interpretativa possível de ser alcançada. Nessa perspectiva, os poemas demonstraram que a impossibilidade do amor é ponto universal da maior parte da criação poética como um todo, e mais ainda da poesia de inspiração romântica e as saídas para uma expressão possível buscada pela poeta, ainda que envolvida em enigmas e disfarces, é que marcam sua originalidade, sua inventividade e seu campo criativo.

Por meio da ressignificação dos símbolos e figuras literárias tradicionais o eu lírico faz deslizar sutilmente seus sentidos: virgem, anjo, deusa, lua e estrela - clichês da poesia masculina assumem outra significação na rede imagética da poeta, permitindo assim, que ela publique odes ao amor entre mulheres sem ter sido censurada na época. Entretanto, Maria Firmina dos Reis produziu e, pelo fazer literário, ainda que de forma pouco reconhecida, contribuiu e continua contribuindo com a formação cultural nacional. Silenciada, violentada simbolicamente, ela continua escrevendo, em uma atitude de subversão, sendo, portanto, merecedora de um olhar analítico que, seguindo uma postura revisionista, poderá resgatá-la do limbo a que foi confinada por mais de um século, e com isso, trazendo-a ao conhecimento do

público leitor, buscando reparar as injustiças a ela impingida, reconhecendo-lhe, enfim sua voz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi.** Tradução Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BROWN, Judith. **Atos impuros: a vida de uma freira lésbica na Itália da Renascença.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números.** Tradução Vera da Costa. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história.** Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

DA SILVA, F. A. **O erotismo presente na Bíblia: breve análise do protagonismo feminino em Cantares de Salomão.** *Sacrilegens*, v. 16, n. 1, p. 38-56, 7 out. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe.** Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral.** Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LOBO, Luiza. “Auto-retrato de uma pioneira abolicionista”. In: **Crítica sem Juízo.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, pp. 222-238, 1993.

MORAIS FILHO, Nascimento (Org.). **Maria Firmina: fragmentos de uma vida.** São Luiz: Comissão organizadora das comemorações de sesquicentenário de nascimento de Maria Firmina dos Reis, 1975.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogio da diferença: o feminino emergente.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. **A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania.**

Disponível em: <https://lesonlinesite.files.wordpress.com/2017/03/a-homossexualidade-feminina-na-histc3b3ria-do-brasil.pdf>. Acesso em 20/02/2020

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005. Tradução Viviane Ribeiro.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília, edições Câmara, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 31-52, 1994. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf. Acesso em: 28 de nov. 2020.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Para que crítica feminista?** (Anotações para uma resposta possível). In: XAVIER, Elódia (Org.). Anais do VII Seminário Nacional- Mulher e literatura. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1995. 3 (SCHMIDT, 2002, p. 143)

Recebido em: 01/2021
Aprovado em: 02/2021

